

Poesia

Mariana Arraes de Alencarⁱ

Instantâneo de quintal/A vida imperfeita

Da janela
Entrevejo o jardim
A linha do olhar
Pássaros passando molhados
E lembro da ramagem dos teus olhos
Revelando-me por detrás dos jambeiros

Aqui, as mangueiras são sempre aquelas
De José de Alencar
Ou do quintal da casa de uma amiga
Onde nunca estive
Mas que senti como alegria
Por causa de poucas palavras
E do seu rosto
Transformado em instante.

*Recife molhada
Eu anfíbia
Anos atrás
Fumava cigarros
Ainda hesitante em ser*

*Aprendi a respirar o ar úmido
E a saber
Que este é um planeta mangue
E eu aqui aprendiz de anfíbia
E os pulmões descobrem que serão sempre assim
Meio chorosos
E os violões e as luas se falam na copa das árvores
E combinam sentimentos*

*Esta é, afinal,
A cidade onde eu nasci,
Mas o corpo ainda tenta se encontrar
Se lama, se alga,
Se crespo de sol*

*Não deserto minha condição mediterrânea
Onde o sol é aliado gentil da pele
E o vento fala aos cabelos como doces tardes que passavam inteiras
Com doses de tédio e perfume
E alegria entrevista na paisagem.*

*Das ladeiras de emoções de Argel
Vim para um pântano
Nascer de novo,
E não se para de nascer e morrer,
Aqui,
E coqueiros, pêlos pubianos,
E a senzala de meu coração ainda sangra,
Minha alma de escrava branca ainda se ergue em revolta
E a paixão acontece como uma terra molhada.*

*Carangueja,
Saio e volto,
Seu corpo é água de minha terra
Somos lama.*

*Seu sorriso gentil escorre por minhas mãos como água de nascente
E desvendas desenhos nos meandros de mim,
E a lama revela seu planeta.*

Stranger

Men had retracted inside,
Black and white buffalos were resting in the green grass.

I kept looking at the squirrel and the birds
Eating together in the little garden yard,
Surrounded by flowers and leaves
Which trembled of silence.

As a small dog came in,
Walking smoothly like in clouds,
All the birds flew away together
But the little squirrel climbed the wall,
Solitary, deliciously odd,
Reminding me of Peter Pan.

And I recognized myself in him,
Kindergarten child amidst Asian culture;
Where dreams and nature are messengers
I was the soul which could not fly,

Transfiguration

She was walking in the cold wind
Cardiff
And the fallen leaves moved her
As if they carried memories.

And they were scattered by the wind,
Memories of a time that may be never was
That existed, however,
Somewhere in the light of her mind
And the wish of what should have been.

She walked a long time
Blowing wind
Following senseless dreams
That ran on the walls she passed by
Until she thought she could see
An angel breaking through
Sparkling ice in shadow
Transforming the fallen leaves into light.

Cardiff, dancing memories like stars...

ⁱ MARIANA ARRAES DE ALENCAR nasceu no Recife, em 1963. Em 1969 foi morar na Argélia com os pais exilados. Com a Anistia, em 1979, retorna ao Recife, com 16 anos. Estuda Comunicação Social na Unicap, e estagia e trabalha em jornais, rádios e Tvs da cidade. Em 1991, faz, em Cardiff, País de Gales, mestrado em Comunicação. Lá, conhece o pai de suas filhas, um estudante paquistanês. Em 1994 vai morar no Paquistão, onde permanece até 1998. Volta para Recife, e hoje ensina francês e é terapeuta floral. Publicou um livro de poemas pela *Carpe Diem* e *Eutomia - A Vida das Árvores*.